Nas horas vagas...

A «intensa militarite», a febre e o entusiasmo guerreiros, a despeito do que, em contrário, possam afirmar, *Qualquer* e seus respectivos satélites, estão a produzir os seus naturais efeitos em todos os países que até agora se teem conservado neutros.

Os patrioteiros e os choramigas da tam decantada *Defesa nacional*, agentes directos e indirectos dos fornecedores do material para o exército, não perdem pitada: todos os argumentos lhes servem para atoucigar o cérebro das massas, impondo-lhes sacrifícios terríveis com o fim de repelirem um imaginário invasor.

Para êles, que sempre tiram proveitosos benefícios de tais propagandas, não se lhes oferece melhor campo de acção do que o de mostrar hipócritamente aos ignorantes e aos cândidos, os preparativos militares do vizinho. Aquêle país arma-se? Armêmo-nos também, visto que desconhecemos as suas intenções.

Esta é uma teoria muito usada entre os Estados; e os diplomatas, vasta gerarquia de parasitas e de intrujões, dão-lhe o seu valioso concurso, incitando os govêrnos a agir, e, por via de regra, os plumitivos do jornalismo e os verbosos da tribuna a proceder de harmonia com as suas instruções.

Assim, a juntar aos vivos exemplos que nas colunas dêste jornal se teem apresentado, aí vai mais um. Em face do que se está a passar, o ministro da guerra de Espanha elaborou um novo projecto de organização militar, repartindo o país em 8 divisões e dando ao exército de terra o que lhe falta.

Segundo a sua opinião, para a *Defesa nacional* ficar completa, é necessário comprar artilharia de todos os calibres, morteiros, metralhadoras, carabinas, espingardas, sabres, lanças, espadas, mulas, cavalos, carretas, aeroplanos, dirigíveis, etc., etc., na importância de 1.094.663.110 pesetas (306·506 contos na nossa moeda, ao câmbio actual!)

A par destes números eloqüentes, quanta estupidez será preciso espalhar para se conseguir os autómatos que hão-de semear a desolação e a morte com êsses instrumentos?

Deixo a tarefa aos guerristas, os quais, todos anchos e todos mestres na esgrima do insulto e da infâmia, são capazes de nos vir dizer que se a Espanha se decidir pelos aliados aquele material é destinado à defesa do Direito, da Justiça e da Civilização.

'Stá visto...

Um tal padre Silva Gonçalves apresentou no congresso da república uma moção onde se lê: «... considerando ainda que os católicos reclamando a liberdade de ensino, teem por si a experiência, pois o ensino laico e o ensino neutro em tôda a parte produsem o espantoso aumento da criminalidade infantil e o alastramento pavoroso da chaga do analfabetismo, segundo o testemunho de Viviani, Briand, Guillot, Boujeau, etc., continua na ordem do dia.»

Desconhecemos a inteligência do senador apresentante da moção. Mas pela amostra, e compulsando tôda a história da igreja católica, devemos concluir, se é que a lógica não é uma batata, que êsse ilustre pai da pátria em vez de inteligência, possui inteli... jumência.

Não sabemos se os colegas lhe fizeram a vontade, aprovando-lhe o chorrilho de asneiras. Nem isso nos preocupa. O que queríamos é que o povo visse em que é que se gasta o seu rico dinheirinho e que procedesse em conseqüência, divorciando-se das religiões e dos religiosos, dos políticos e dos tratantes.

Se quizer obter aquilo a que tem incontestável direito.

Passando-me um diploma de maluco (muito obrigado!), *Qualquer*, entre o doesto e a intriga, finaliza as suas rabulices contra os meus pobres escritos. E fa-lo no meio da prosápia de carrejão e de conhecimentos de conselheiro Acácio. Que lhe preste. Porque eu julgava tratar com um homem; afinal vejo agora que estive a lidar com um garôto.

E como os garotos são intratáveis...

PEDRO GUIMARÃES.

O cinematógrafo

Espectáculo barato e atraente, acessível a tôdas as bolsas e a todas as inteligências, o cinematógrafo desenvolveu-se de um modo assombroso por todos os recantos do globo.

E como impressiona e agita, como se presta admirávelmente a suscitar, revolver e exarcerbar paixões e sentimentos, foi imediatamente adoptado como arma de propaganda e de combate, talqualmente a imprensa periódica.

Como a imprensa, êle educa e perverte, ensina e engana, esclarece e embrutece, é obra de liberdade e é empresa de exploração, é «clarim do progresso» e trombeta de revolta — mas é mais ainda catecismo de resignação e tambor monótono de passiva disciplina.

Estando, como a grande imprensa, nas mãos dos ricos e potentados, tem como ela o papel preponderante de manter e entreter as massas na sua servidão e nos seus prejuízos, de lhes adular baixamente os seus mais baixos egoísmos e as suas mais baixas cobardias.

Assim é que o cinema, explorando mercantilmente — aliás como o teatro — a ignorância, a fadiga e o depauperamento do povo, mercadeja ávidamente com espectáculos idiotas, palhaçadas absurdas, exibições solenes e grutescas, ignóbeis dramalhões policiais, cabotinismo e arlequinadas, sabujices e filantropias de ouropel.

Assim é que os padres se servem já largamente — até dentro das igrejas — desta nova forma de prédica embrutecedora, de mística sugestão e de captação perturbadora.

Assim é também que tôdas as potências dominantes empregam furiosamente esta maneira maravilhosa de criar e avivar os sentimentos populares mais necessários á conservação do seu domínio: o nacionalismo grosseiro e agressivo, a submissão cristã do escravo, a gratidão à falsa generosidade patronal, o respeito pelos oligarcas e plutocratas.

E são quadros falsíssimos de heroísmos militares, encobrindo e invertendo a verdade horrível, repugnante e insensata da guerra; são *films* infames em que, por exemplo, os grevistas são pintados como ébrios e vadios e os fura-greves como sóbrios e laboriosos — ao passo que, para quem conheça um pouco o movimento operário, a regra geral é bem contrária a essa fantasia interessada; são as scenas mentirosas em que um feroz agitador operário, desregrado e gozador, vem afinal a arrepender-se perante um acto magnânimo de um patrão, todo aureolado, todo a escorrer em apoteose. E estas *fitas* — pois que *fitas* são...—teem um aspecto horrível de realidade viva, palpável, animada, que mais ilude e perturba!

Pois bem! é preciso reagir contra êsse novo mal, não só protestando públicamente contra êsse envenenamento da mente e do coração, não só pateando os *films* mentirosos e perversos, mas lutando no mesmo terreno e com as mesmas armas, aproveitando os arautos da sociedade nova o cinema como fizeram com a imprensa — com pobreza de dinheiros, mas com riqueza de entusiasmos.

Há dois anos, os camaradas de Paris fizeram nesse sentido uma tentariva — o Cinema do Povo—sem dúvida interrompida pela guerra, que é, aliás, mais um motivo e mais um enorme caudal de assuntos para recomeçar depois a empresa.

Numa das suas circulares, explicavam:

«O nosso pensamento dominante é ficarmos em contacto permanente com o proletariado que quer emancipar-se». «Queremos combater pela imagem os preconceitos que até hoje teem curvado o mundo do trabalho sob a servidão económica e moral. E' preciso dizer tudo ao povo, tanto os seus direitos como os seus deveres: o seu direito de se emancipar do salariato moderno, o seu dever de se curar das más paixões que aviltam o homem e retardam a sua libertação. Combateremos o alcool, assim como combateremos a guerra, o patrioteirismo estupido, a moral burguesa e inepta.»

Os iniciadores da excelente empresa de propaganda prometiam e começaram a dar ao povo honestas reconstituições históricas, mostrando, por exemplo, scenas da Comuna e ferocidades da repressão versalhesa, segundo documentos insuspeitos; quadros dos horrores e fealdades da guerra; a vida das oficinas, das minas e dos campos, em contráste com a dos palácios, termas, praias e casinos; as misérias e perigos dos pescadores; os produtos e o labor dos produtores de tôdas as riquezas; os belos exemplos de solidariedade e de heroísmo nas lutas de Trabalho. E a entremear tudo isso, a natureza deslumbrante e a obra já enorme do trabalho humano, em quadros reconfortantes e animadores, vibrantes de promessas e de esperanças.

COMIDA REQUENTADA

OS CORVOS DA GUERRA

E' preciso—disse substancialmente o graúdo da finança — acabar com a organização operária em crescimento e conquistar meio século, ou mais, de paz social; para isso, só a guerra, só uma boa e salutar sangria!... Demais, teremos em breve a bancarrota da Rússia e é urgente arranjar um «caso de fôrça maior». Se não, é a revolução. «Bem sabemos que a França ficará mais esmagada do que em 1870; mas nós, os financeiros, ganharemos sempre, e reconstruiremos sôbre as ruínas.» «A questão de saber quais serão os